

LUGAR, PAISAGEM E EXPERIÊNCIA

Place, landscape and experience

Angelo Serpa¹

RESUMO

Lugar, paisagem e experiência são apresentados aqui sob uma perspectiva de uma Geografia que se faz no dia a dia, o que pode revelar camadas mais profundas na banalidade do cotidiano trivial e corriqueiro, se estivermos atentos às maneiras e modos como criamos e produzimos espaço. Parte-se da premissa de que produzimos e reproduzimos espaço no cotidiano através de relações sociais e sociabilidades de toda ordem, pois temos um corpo, percebemos paisagens, habitamos lugares, nos refugiamos em nossos territórios íntimos e, afinal, somos humanos. Busca-se distinguir, na argumentação, os processos de lugarização e territorialização, sublinhando-se o lugar (frente ao território) como uma base para o pensar (e o agir) em escala, ampliando suas possibilidades para além de uma perspectiva localista. Finalmente, e à guisa de conclusão, afirma-se que a escala e o “pensar em escala” são também condições primeiras, como o “se localizar” e o “se situar”, para a constituição dessa Geografia do dia a dia, que se afirma e constrói nas situações cotidianas, a partir de um corpo localizado e situado, implicado em uma espacialidade diferencial e em uma dialética entre interior e exterior.

Palavras-chave: Escala. Situação. Geografia do dia a dia. Espacialidade diferencial.

¹ Professor titular de Geografia Humana da Universidade Federal da Bahia, pesquisador com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1B. angserpa@ufba.br.

✉ Rua Barão de Geremoabo, s/n, Ondina, Salvador, BA. 40170290.

ABSTRACT

In this article place, landscape and experience are presented through an angle of everyday geography since that comprehension helps to reveal deeper layers of everyday life (if we are aware of the ways and manners that allow us to create and produce space), throughout its apparent banality and triviality. The basic assumption is that we produce and reproduce space in everyday life through social relations and all sorts of sociability. This is plausible due to human's nature: we have a body, we perceive landscapes, we inhabit places, we take refuge in our intimate territories, because, despite all differences, we are all humans. All along this paper we seek to distinguish in our argumentation the differences between the processes of spatialization as territory and spatialization as place by emphasizing place (which constantly faces itself with the notion of territory) as a basis for scale-related thought and action. Therefore, we aim to expand place's conceptual width surpassing its understanding as a localization apparatus. Lastly, we bring to light that 'scale' and 'scale-related thought' are primary geographical conditions such as 'to localize' and 'to situate' in the constitution of everyday geography. Therefore, this geography emerges and is constructed in everyday situations through localized and situated bodies, which are implicated in a differential spatiality and in an interior-exterior dialectics.

Keywords: Scale. Situation. Geography of everyday life. Differential spatiality.

INTRODUÇÃO

Os estudos e pesquisas em Geografia com base em um referencial fenomenológico vêm crescendo no Brasil nas duas últimas décadas, o que nos permite apontar alguns avanços, tendências e perspectivas que se abrem para uma abordagem cultural e humanista em nossa disciplina.

No entanto, não se pretende aqui realizar um estado da arte desse tipo de abordagem em Geografia no país, mas, ao invés disso, nortear nossa reflexão por aquilo que consideramos aspectos potencialmente promissores para a realização de novas investigações a partir de nossas próprias pesquisas e formulações, realizadas no âmbito das atividades do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação, do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia.

Nossa intervenção girará em torno de dois eixos: – A ideia de uma Geografia que se faz no dia a dia, uma Geografia da experiência, que possa permitir uma abordagem ontológica dos conceitos/categorias lugar e paisagem; – As distinções entre os processos de lugarização e territorialização, sublinhando-se o lugar (frente ao território) como uma base para o pensar (e o agir) em escala, ampliando suas possibilidades para além de uma perspectiva localista.

UMA GEOGRAFIA QUE SE FAZ NO DIA A DIA

Quando se fala de uma Geografia cotidiana, é necessário, antes de tudo, pensar na dimensão espacial de nossas ações e práticas do dia a dia, o qual depende de muitas variáveis e questões, à primeira vista banais porque cotidianas. Certamente não falamos daquela Geografia congelada que se limita muitas vezes ao catálogo de espaços, formas, funções e estruturas “mapeáveis”, sem relação com a vida que se vive e

a experiência no dia a dia. Falamos aqui de uma Geografia humana, que se produz e reproduz por toda a parte nesse nosso mundo (humano) comum.

Produzimos e reproduzimos espaço no cotidiano através de relações sociais e sociabilidades de toda ordem, pois temos um corpo, percebemos paisagens, habitamos lugares, nos refugiamos em nossos territórios íntimos e, afinal, somos humanos... Então, essa Geografia do dia a dia sobre a qual falamos não toma o espaço como algo dado, como cenário ou base física para a ação humana, porque a ação humana é intrinsecamente espacial e produz/cria espaço todo o tempo, pelo simples fato de que somos e estamos no mundo, aqui e agora.

E por que pensar/falar em algo aparentemente tão banal como as experiências do dia a dia? Porque é no presente-presente que o repetitivo se revela, assim como sua necessidade para a reprodução de relações sociais que são também (e sempre) espaciais. Há devir no repetitivo e repetitivo no devir (LEFEBVRE, 1976), ou seja, mesmo na reprodução do cotidiano o mais banal, o futuro, assim como a subversão do atual e a emergência do novo se anunciam e apontam saídas para crises de toda ordem (da esfera íntima a mais ínfima até a esfera social a mais larga e abrangente).

O cotidiano revela o devir porque, contra as estratégias que moldam e dão contornos a modos e estilos de vida conformistas e conformados, há sempre a novidade das táticas daqueles que se utilizam das artes do fazer e do falar (CERTEAU, 1994) no dia a dia da reprodução da vida. E há uma Geografia do dia a dia, por vezes conformista e conformada, outras vezes inconformada e subversiva. E ambas valem uma reflexão.

Essa(s) Geografia(s) pode(m), embora nem sempre nos demos conta disso, revelar camadas mais profundas na banalidade do cotidiano trivial e corriqueiro, se estivermos atentos às maneiras e aos modos como criamos e produzimos espaço, quase sempre de

forma desatenta, para não dizer alienada. Se partirmos da ideia de que a dimensão espacial de nossas ações e práticas se revela através da maneira como vivemos e reproduzimos nossas vidas no dia a dia, então as mais diversas temáticas emergem desta constatação e podem ser abordadas a partir de uma perspectiva de uma Geografia do dia a dia: o trabalho; o labor; a cultura; o lazer; o turismo/as viagens; o habitat/o habitar; a mobilidade/o transporte; a saúde, os hospitais e clínicas etc.; a educação, as escolas, as universidades etc.; o público e o privado/o íntimo e o social.

Mas é preciso também pensar na variedade e na pluralidade deste mundo humano comum, nas dimensões humanas que perpassam as temáticas anteriormente enunciadas: afinal, compartilhamos e produzimos/reproduzimos, como seres no mundo, espaço e tempo, mas somos diferentes e por vezes extremamente desiguais quanto aos nossos estilos e modos de vida, que vão depender, entre outros fatores, de dimensões que norteiam nossos cotidianos e “geografias”, como classe social, gênero e faixa etária.

As práticas espaciais do cotidiano se revelam em situações específicas. Para além do “se localizar”, nos situamos no tempo e no espaço, criando conjunturas e contextos que ajudam a viabilizar nosso dia a dia. Uma situação é o somatório de muitas informações e experiências adquiridas, traduzidas em relações que podem ser mais ou menos estáveis. É o conjunto dessas relações que contribui para a constituição de situações. Uma Geografia do cotidiano mobiliza ações e práticas no/do presente, embora situações passadas repercutam também no dia a dia, através da memória e das recordações.

A situação indica que essa Geografia do dia a dia é uma Geografia de coexistências, de cunho social e espacial, como diria Milton Santos (1996). É passado e história que se revelam no presente, mas também convite à imaginação humana, já que o cotidiano é também devir e

anuncia futuros possíveis. Ao nos situarmos no mundo, alinhavamos de acordo com nossos interesses e intenções uma grande quantidade de dados e informações, efetuando uma operação de síntese que organiza relações e localizações, construindo – nem sempre de modo sistemático e consciente – um arranjo que viabiliza nossas ações no cotidiano.

Este arranjo é também e, sobretudo, um arranjo de localizações, um passo além do momento inicial de “se localizar” no mundo. É um arranjo espacial construído de modo a criar condições reais para nossa ação, seja onde estivermos. Arranjamos à nossa maneira o “mundo” do dia a dia criando e produzindo situações que nos dão, inclusive, a possibilidade de verificar a extensão – em seu sentido geográfico o mais essencial – de nossas ações. Construir situações no cotidiano nos ajuda também a enfrentar o dilema entre conjuntura e estrutura, entre o particular (aquilo que vejo, ouço, sinto e que está aqui e agora, no meu entorno imediato) e o geral (aquilo que não se anuncia a mim de modo direto e que exige associações que me levam além do aqui e agora, mas que também ajuda a definir as situações nas quais me encontro).

Essas situações constroem e criam lugares e territórios para além do próximo e do entorno íntimo e imediato, mas há sempre algo que antecede essas elaborações, a um só tempo ontológicas e espaciais: a percepção e a constituição de paisagens. O ato de perceber é condição *sine qua non* para a constituição de uma paisagem. Uma paisagem só existe para um observador localizado e situado e esse observador pode ser tanto um indivíduo como um coletivo (um grupo). Estamos aqui no terreno de uma percepção originária, ato reflexo que está na base de outras “operações” mentais complexas, como a sensação, a associação, a projeção de recordações, a atenção e o juízo, como preconiza Maurice Merleau-Ponty (2006).

Se o corpo é no espaço e está atado a um **certo mundo**, é através dele que percebemos, nos localizamos, situamos e pensamos em escala. A percepção é essa espécie de **milagre** cotidiano de síntese sem mediações que nos permite constituir paisagem e mundo, através dos sentidos. A **percepção** está sempre voltada para processos que ocorrem na presença dos objetos percebidos e que resultam em sua imediata apreensão.

Em termos temporais, quando percebemos, estamos intimamente conectados com eventos próximos, das redondezas imediatas, e também com os comportamentos reflexos. Ela é uma espécie de primeiro passo para a cognição subsequente (quando associamos, sentimos, recordamos, julgamos etc.). Por seu turno, os processos cognitivos podem estar conectados com ocorrências do passado ou do futuro, da ordem próxima ou da ordem distante. Podemos também dizer que quando nos localizamos estamos ainda no terreno da percepção, que o “se situar” e o “pensar em escala” só são possíveis a partir de um momento primeiro de síntese perceptiva, que abre também caminho para as outras práticas de uma Geografia do dia a dia.

A experiência da paisagem também é estética. Uma experiência que se consolida a partir de diferentes pontos de vista/apreensão e que nos fazem apreender paisagens como “belas”. E reside aqui justamente a essência do que chamamos de paisagem: a estetização das relações entre sociedade e natureza. Vemos e sentimos paisagem também porque fomos de certo modo preparados culturalmente para ver e sentir paisagem: Ou seja, a partir de uma percepção originária, quase como um ato reflexo, associamos, julgamos, recordamos e acreditamos em “paisagem” porque processos cognitivos intersubjetivos precedentes prepararam essa paisagem para nós, também e, sobretudo, como experiência estética.

Pode-se dizer, inclusive, que nem todas as culturas chegaram a esse modo de expressão estético-paisagística, como nos lembram Paul Claval (2004), Alain Roger (1997) e Augustin Berque (1995, 1999). A paisagem é uma invenção de certas civilizações – originárias do Oriente Médio, da China, da Europa Mediterrânea e difundidas para o Japão e o continente americano – que desenvolveram palavras para exprimi-la, além de pintura e literatura oral que se debruçaram sobre a “paisagem” e a transformaram em arte e ornamento, com o desenho e a implantação de parques e jardins.

Então, nesta Geografia do dia a dia, após perceber a natureza, a estetizo e transformo em paisagem, mas é curioso saber que outras tradições e civilizações não veem nem sentem a paisagem necessariamente como experiência estética, substituída por uma percepção étnica mais global, diretamente proveniente de alguma cosmologia que dá outros sentidos e razões ao fato de “ser-no-mundo”, como diria Augustin Berque (1999), em contextos bem diferentes de nossa civilização urbano-industrial ocidental ou mesmo em suas brechas e interstícios.

LUGARIZAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO: O LUGAR COMO UMA BASE PARA O PENSAR EM ESCALA

Pode ser um neologismo, uma palavra nova para designar algo que conhecemos bem no cotidiano ao criar/produzir espaços: ao enunciar e eleger lugares como “nossos”, lugarizamos. Tem a ver, como nos lembra Edward Relph (2012), com o sentido e o espírito de (cada) lugar, mas também com encontro e o que entendemos como autenticidade.

No cotidiano territorializamos e lugarizamos o tempo todo em nossos processos de uso e apropriação espacial. Ora criamos/produzimos territórios, ora lugares, mas nunca de modo definitivo e acabado, pois,

Lugar, paisagem e experiência Angelo Serpa

afinal, territórios podem se tornar lugares e lugares, territórios. Ambos são resultados e condicionantes de experiências espaciais e expressam intencionalidades diversas. Quando os territórios se abrem para o encontro de diferentes, podemos dizer que se criou aí uma brecha de abertura para o surgimento de um lugar, por exemplo.

Porém, a alternância de processos de territorialização/lugarização não tem apenas a ver com abertura/fechamento ou diversidade/homogeneidade, mas também com a maneira como exprimimos nossa empatia em relação aos espaços cotidianos que criamos e produzimos em relação com o Outro – mais ou menos igual, mais ou menos diferente de mim. Lugares se tornam plataformas (sobretudo, afetivas) para nossa ação cotidiana, necessitamos deles assim como de territórios e ambos estão na base de nossas experiências espaciais. Em geral, no dia a dia, assumimos uma atitude mais defensiva nos processos de territorialização, enquanto nos afirmamos de maneira mais negociada nos processos de lugarização.

Ao “negociar espaço”, lugarizamos porque incluímos em nossa Geografia cotidiana algo compartilhado entre diferentes, algo que ocorre entre sujeitos (indivíduos e grupos), e que vai marcar essa experiência de lugarização através de referenciais coletivos de cidade, bairro, rua etc. E a lugarização nem sempre ocorre em relação ao entorno próximo, porque lugar nunca pode ser compreendido apenas como sinônimo de esfera próxima, como “local”. Costumo dizer para meus alunos que o planeta Terra inteiro pode ser lugar para alguém que esteja hipoteticamente em uma estação espacial, olhando essa imensa bola azul de longe, e com saudades dessa Geografia cotidiana que precisa de “chão” sob os pés para acontecer. Esse astronauta hipotético pode em um momento de desalento exclamar a um colega que sente saudades da Terra, ao observá-la de (muito) longe, e, nesse momento, o planeta é lugarizado.

Um lugar é identitário, relacional e histórico como afirmou Marc Augé (1994). Construimos nossos lugares em processos cognitivos complexos através de afeições, sensações, recordações, em síntese, através de “afetos espaciais”. Somos de fato afetados pelos lugares que criamos/produzimos em nosso cotidiano e por sua Geografia, plena de referenciais (arquitetônicos e urbanísticos, mas também “naturais”, como as praias, os rios e florestas/bosques urbanos).

E, como sublinhado por Kevin Lynch (1990), esses referenciais podem ser marcos bem modestos na paisagem, não necessariamente construções emblemáticas ou grandiosas, praias excepcionais ou florestas/bosques de grandes dimensões. Pode ser o pequeno rio ou a pequena praça perto de casa (onde brincávamos na infância, em um mundo ainda não tomado de assalto pela tecnologia e seus videogames), um quiosque que vende revistas e balas etc.: tudo vai depender da história e da trajetória de cada grupo ou indivíduo.

Por outro lado, me territorializo quando de algum modo estabeleço limites e fronteiras em processos de uso e apropriação espacial em relação a outros grupos e indivíduos. Em geral, territórios se criam e consolidam no dia a dia entre aqueles que compartilham de interesses/ideologias/referenciais culturais comuns (étnicos, religiosos, de gênero, políticos etc.) e são dotados de certa homogeneidade interna, ao impor distinções entre *insiders* e *outsiders*.

Limites e barreiras demarcam, portanto, territórios frente a outros territórios e podem se manifestar no cotidiano tanto em termos materiais como imateriais/simbólicos. Tanto podem se constituir como espaços delimitados com muros e cercas, com sua materialidade explícita (como nos condomínios fechados das classes médias urbanas), como também através de elementos mais sutis, sejam eles objetos de pequena dimensão ou mesmo gestos e comportamentos particulares que mostrem que ali há um “território”.

Então, quando me territorializo no dia a dia o mais banal, marco minha diferença (ou desigualdade) em relação a outros sujeitos e, de certa maneira, estabeleço também uma atitude política, já que o que está em jogo aqui são relações de poder frente ao outro (o diferente de mim). Já comentamos em outras ocasiões os territórios de uso e apropriação que se estabelecem na praia, mas podemos pensar o mesmo para outros espaços de uso comum (praças e parques, por exemplo, também mencionados em outras oportunidades como possibilidades) (SERPA, 2013a, 2013b).

À GUIA DE CONCLUSÃO: O PENSAR EM ESCALA E A DIALÉTICA INTERIOR-EXTERIOR

A escala e o “pensar em escala” são também condições primeiras, como o “se localizar” e o “se situar”, para a constituição dessa Geografia do dia a dia, que se afirma e constrói nas situações cotidianas. Uma Geografia que, focada na experiência, se expressa em processos que são espaciais a partir de um corpo que age e se movimenta em situação.

Esse corpo localizado e situado está implicado em uma espacialidade diferencial que pode ser representada, em termos imagéticos, através das “conchas do homem”, de Moles e Rohmer (1998), e na ideia de que a liberdade dos indivíduos também se expressa nos processos de criação/ produção dos espaços cotidianos. As oito “conchas” ou “invólucros” indicam, como lembra Armand Frémont (1980), a paulatina conquista – da infância à fase adulta – de espaços cada vez mais amplos, a partir de nosso “corpo próprio” (a materialidade inevitável do Ego individual) em direção ao “vasto mundo”.

As “conchas” – o corpo próprio, o gesto imediato do “tudo ao alcance da mão”, a sala da casa ou apartamento, a casa/o apartamento, o bairro, a cidade centrada, a região e o vasto mundo –, embora mais

identificadas com os modos de vida da sociedade urbano-industrial, podem servir, de uma maneira mais geral, como a expressão desse “pensar em escala”, um pensar que embasa a Geografia do dia a dia sem necessariamente ser identificado como pensamento racional e consciente, já que se constitui muitas vezes de modo reflexo e através de experiências vividas.

São, portanto, nossas experiências vividas que vão exprimir essa relação entre a conquista de espaço na infância e as “estabilizações” da vida como adultos. O “pensar em escala” nada tem de misterioso e pode ser mesmo compreendido como algo corriqueiro, que praticamos e que é “moldado” no dia a dia sem nos darmos necessariamente conta disso. Mas esse modo de pensar também pode (e deve) ser cultivado, na medida em que nos conscientizamos de sua importância para a constituição cotidiana de nossos espaços vividos.

Isso também coloca em evidência uma dialética entre exterior e interior, entre o vasto e o íntimo, como nos lembra Gaston Bachelard. Para Bachelard (1998), interior e exterior constituem uma “dialética do esquartejamento”, cuja geometria aparentemente evidente nos cega logo que a introduzimos em âmbitos metafóricos. Surge, assim, uma dialética do ser e do não-ser. Segundo o filósofo, a metafísica mais profunda se enraíza em uma “geometria implícita” que “espacializa o pensamento” (BACHELARD, 1998, p. 215-216).

Nessa dialética, o ser do homem se revela como “ser desfixado”: fechado no ser, sempre há de ser necessário sair dele. Apenas saído do ser, há de ser sempre preciso voltar a ele. A dialética do interior e do exterior apoia-se em um “geometrismo reforçado”, através do qual os limites podem se constituir em barreiras. Contudo, entre o concreto (o próximo) e o vasto (o distante) nem sempre a oposição é muito clara, porque a relação dialética entre interior e exterior se diversifica e multiplica em inúmeras nuances e matizes. Ambos, interior e exterior, são “íntimos” e estão sempre prontos a “inverter-se”.

Frente a esse contexto, a oposição entre exterior e interior já não pode ser mais “medida” por sua evidência geométrica, já que se faz necessário “colocar o espaço entre parênteses”, fazê-lo recuar, “para que sejamos livres no pensamento”, em uma atitude radicalmente dialética (BACHELARD, 1998, p. 233). É nesse contexto que Bachelard (1998, p. 232) vai se questionar se o exterior não seria uma “intimidade antiga”, ancestral, “perdida nas sombras da memória”. Se, por um lado, o excesso de espaço pode nos sufocar muito mais que a sua falta – vertigem exterior versus imensidão interior – frequentemente, por outro lado, é no espaço íntimo de dimensões as mais reduzidas que a dialética do interior e do exterior pode se manifestar com mais força.

Vemos que, ao subverter, com sua fenomenologia da imaginação, as geometrias presentes na dialética entre exterior e interior, Bachelard abre caminho, também, para se pensar lugar e território não mais associados a ordens de grandeza ou escalas específicas, dando-nos liberdade para pensá-los, ambos, como vastos e íntimos; e para estabelecer uma dialética existencialista possível entre ser lugar e ser território como modos de manifestação do ser-no-mundo. ☉

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BERQUE, A. **Les Raisons du Paysage**. Paris: Hazan, 1995.
- BERQUE, A.; Conan, M.; Donadieu, P.; Roger, A.; Lassus, B. **Mouvance**. Cinquante Mots pour le Paysage. Paris: Éditions de la Villette, 1999.

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLAVAL, P. Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- LEFEBVRE, H. **Hegel, Marx e Nietzsche ou o Reino das Sombras**. Trad. Rafael Gonçalo Gomes Felipe. Lisboa: Editora Ulisseia, 1976.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Trad. de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOLES, A. A.; ROHMER, E. **Psychosociologie de l'espace**. L'Harmattan, 1998.
- RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; OLIEIRA, L. de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.
- ROGER, A. **Court Traité du Paysage**. Paris: Gallimard, 1997.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SERPA, A. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 61-75, 2013a.
- SERPA, A. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A cidade contemporânea – Segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 169-188.

Submetido em Novembro de 2019.
Aceito em Fevereiro de 2020.